



E se ela voltar?

SIMONE FREIRE





E SE ELA voltar?

Da mesma autora de
Pequenas Histórias de Amor

SIMONE FREIRE

LIVRO I
Duologia Irmãos Figueiredo



PITANGUS
LITERÁRIA

1ª edição, Rio de Janeiro

Copyright @2019 por Simone Freire

Capa: Ana Claudia – Pitangus Editorial

Revisão Final: Cris Castro

Diagramação digital: Simone Freire

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei nº 9.610/98, com aplicação legal pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário



[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE

[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E UM](#)
[EPÍLOGO](#)
[BÔNUS](#)
[RAFAELLA](#)
[PAULO](#)
[NOTAS](#)
[SOBRE O LIVRO](#)
[AGRADECIMENTOS](#)
[SOBRE A AUTORA](#)
[TUDO PARA ELA VOLTAR](#)

**Quando chove na cidade, eu lembro de você.
Daquela vez que caiu o céu, e eu te coloquei embaixo de mim.
(Demorou Pra Ser – Vanguard)**



Prólogo



— Dindo, eu sinto muito a falta dela. — A voz meiga de Melissa tirou Paulo de mais um de seus devaneios.

Ele se virou para a porta do quarto onde a pequena estava parada, segurando um bicho de pelúcia contra o peito. Os olhos tristes fixados nele, esperando uma resposta do adulto que, na teoria, deveria ter todas as respostas do mundo. Ela deveria estar em casa, dormindo profundamente ao lado do pai, mas essa criança havia se mostrado solidária à dor de Paulo, e parecia disposta a permanecer ao lado do padrinho o máximo de tempo possível.

— Eu sei. — Com muito esforço, Paulo fez sua voz sair firme. — Sei que você sente muito a falta da Rafaella, querida. Mas, você sabe que ela não vai mais voltar.

Era uma sexta-feira, dia que, em um passado recente, ela gostava de dormir na casa do padrinho e eles brincavam felizes. Mas hoje não havia brincadeiras e Melissa sacudiu a cabeça,

concordando, enquanto as lágrimas desciam soltas pelo seu rostinho. Paulo queria muito correr e abraçar a afilhada, aconchegá-la nos braços e beijar seus cachos macios. Mas não conseguiu dar um passo sequer. Ele temia que, na hora que começasse a chorar, não fosse mais capaz de parar.

— Porque ela foi embora, Dindo?

— Ela não podia ficar, querida. Coisa...

— De adulto — interrompeu a criança, tão sábia no alto dos seus dez anos. — Eu não quero virar adulta, Dindo. Não quero mesmo. É triste. — Olhando para ele, completou: — E a gente fica muito sozinho.

Paulo esticou a mão para a menina, que correu ao seu encontro se abraçando em suas pernas. Os soluços sacudiam o corpo de Melissa, e ele não sabia como consolar a afilhada. Na verdade, ele também estava precisando de consolo, e ninguém conseguia lhe oferecer isso.

Se Rafaella estivesse com eles, qualquer problema poderia ter sido resolvido com um sorriso e uma panela de brigadeiro, mas ela havia ido embora.

Coisas de adulto.

Uma expressão leviana que ele usava, quando deveria dizer a verdade. Porém, Paulo não queria encarar a realidade de uma casa vazia e um coração partido. Ele queria a risada de Rafaella e sua voz desafinada cantando cheia de felicidade. O cheiro que ela deixava quando passava por ele, os beijos e os abraços. Queria

tudo que ela lhe deu, coisas que ela sabia que ele queria antes mesmo que ele sequer sonhasse.

Em um impulso, pegou Melissa do chão e a acomodou em seu colo. Ela soluçava sem parar e Paulo deixou que a tristeza da menina se misturasse à sua, finalmente sentindo as lágrimas correrem livres pelo rosto. Junto com a tristeza, vieram a mágoa e a raiva, e ele tentou se apegar a esses dois sentimentos, pois sabia que só assim seria capaz de suportar os próximos meses. Sentir raiva de Rafaella era tudo que ele queria, pois assim talvez fosse capaz de apagá-la de seu coração.

— Mel, não chora — ele pediu com carinho. — A Rafa não ia gostar de ver você chorando.

— Mas ela não está aqui Dindo...

Paulo ficou em silêncio, incapaz de encontrar palavras para rebater o argumento de Melissa.

Em sua cabeça, não havia final feliz para eles, só a saudade e a dor da perda. Rafaella havia escolhido voltar para sua família, e deixar os dois para trás. Paulo acreditava que ela havia se despedido com um “até logo” quando na verdade ela não tinha nenhuma intenção de voltar. Para ele, Rafaella estava confortavelmente instalada de volta a sua vida antiga, sem sequer lembrar-se dele, de Melissa ou do futuro que ambos planejaram.

Para Paulo, era mais fácil acreditar que tudo não passara de uma brincadeira inconsequente e que aquela que lhe deu os melhores dias de sua vida não passava de uma manipuladora sem coração.

Mas toda história tem, pelo menos, dois lados.



Capítulo Um



Uma sensação estranha enchia seus pulmões todas as vezes em que ela respirava com mais força. Além da dor que sentia nas costelas, havia também alguma outra coisa errada, algo impossível de definir e que não tinha coragem de perguntar a ninguém. Um vácuo dentro da sua alma, um pedaço que precisava ser preenchido, mas ela ainda não sabia como fazer isso acontecer.

Discretamente, levou a mão direita até a lateral do corpo, tentando disfarçar o incômodo, mas algo em seu rosto entregou o tamanho da dor que ela sentia.

— Você está bem? — A voz macia dele fez com que ela se virasse em sua direção.

— Estou sim. Foi apenas uma pontada. — Apertou os lábios olhando para o homem na sua frente. Antônio sorriu para ela, estreitando o olhar. Era quase como se o sorriso dele fosse grande demais e obrigasse seus olhos a se fecharem um pouco.

— Vai passar, você sabe. O médico disse que é uma questão de tempo.

Ela concordou, sacudindo a cabeça, o silêncio se instalando novamente entre os dois enquanto ela caminhava sem rumo pelo apartamento. Seus olhos passearam por algumas fotos nas estantes, se demoraram em livros e objetos espalhados por todos os lados. Tudo ao seu redor parecia indicar um lar cheio de aconchego e amor, mas ela não conseguia sentir isso de verdade. Lentamente foi passando a mão pelos móveis, respirando pausadamente, até que parou diante do espelho e ficou olhando sua imagem refletida ali.

Ela via uma jovem com os cabelos escuros cortados bem curtos, olhos castanhos que pareciam vazios e uma grande cicatriz na testa, junto à raiz dos cabelos. Como de hábito, desceu o olhar até a pequena tatuagem de coração que tinha na parte de dentro do pulso esquerdo e passou o dedo por cima dela com um carinho inevitável, e que ela não sabia explicar. Ficou parada ali por alguns minutos, olhando para a mulher no espelho que não conseguia sorrir para ela. Não reconhecia nada naquele reflexo.

— Antônio — disse de repente —, você tem certeza de que éramos felizes antes?

Ele não respondeu de imediato. Ao invés disso, caminhou em sua direção, ficando atrás dela e encarando-a pelo espelho. Seus olhos se encontraram e ela tentou sorrir para ele, mas seu sorriso não parecia real. Antônio colocou as mãos em seus ombros e encostou o queixo no topo da sua cabeça. Ele era bem mais alto que ela, tinha os ombros largos, as mãos grandes e os olhos de um

verde quase translúcido. Ainda tinha no rosto a mesma expressão de antes, e havia algo ali que a incomodava demais. Era como se houvessem mais segredos do que os que ele já havia revelado, coisas pesadas e profundas de um passado onde ela não sabia se havia mesmo uma felicidade entre eles.

— Sim, eu tenho certeza. Éramos muito felizes, tínhamos planos de ter filhos, de nos mudar para outra cidade e morar em uma casa com um grande jardim. — Ele beijou o pescoço dela e completou. — E eu ainda vou fazer com que tudo que planejei para nós aconteça. acredite em mim, Rafaella.

Ela sentiu os olhos se enchendo de lágrimas novamente. Isso já havia se tornado uma constante em seus dias. De repente, estava parada em algum lugar e um turbilhão emocional a envolvia, sentimentos que ela não conseguia distinguir, um aperto no peito ou mesmo a sensação de total solidão. Logo se via imersa em uma saudade estranha, sem explicação e, em seguida, rompia em um choro incontrolável. E quando finalmente conseguia parar de chorar, tudo que havia dentro dela era um vazio dolorido.

— Um jardim? Não me vejo morando em uma casa com jardim. — Instintivamente colocou a mão sobre a barriga. — E também não me vejo engravidando.

Antônio deu uma risada suave e beijou o ombro dela.

— Mas a gente tinha esses planos. E você vai se lembrar de todos eles, Rafaella. Eu prometo.

Ela olhou novamente para o espelho. Nem mesmo esse nome soava familiar. Não se lembrava de nada que havia acontecido antes do acidente. Aprendera que seu nome era

Rafaella, que era casada com Antônio e que juntos moravam nesse belíssimo apartamento em uma das mais movimentadas capitais do país.

Mas, e a solidão que sentia? Os amigos que pareciam pisar em ovos quando iam visitar o casal? Nos últimos três meses ela havia perdido a conta de quantas vezes pensou em segurar alguém pelo braço e perguntar tudo o que precisava saber, exigindo respostas e atitudes. Mas Antônio nunca a deixava sozinha com ninguém, pairando como uma sombra silenciosa e sempre cuidando para que ninguém falasse demais ou a aborrecesse. Era quase sufocante.

Somente quando seus pais vinham visitá-los era que Rafaella se sentia feliz. O olhar de sua mãe era bom e calmo, e seu pai sempre a abraçava com força e carinho. E ela gostava disso. Era como se ele quisesse que ela soubesse de alguma coisa que nem mesmo ele sabia. Mas esses eram breves momentos de calma, e quando eles se despediam, ela sentia a necessidade de implorar que a levassem com eles. Porém, como era uma mulher adulta e casada, não se permitia esse tipo de fraqueza e sorria para os pais enquanto os observava se afastando dela mais uma vez.

Antônio apertou seus ombros de leve e beijou novamente seu pescoço enquanto ela fechava os olhos e tentava encaixar esse gesto em sua nova realidade. Esperava sentir desejo, amor, frisson. Na verdade, ela queria sentir algo de bom entre eles, mas não conseguia, e ainda assim deixava que o marido a tocasse e a beijasse. Afinal, eram casados e felizes.

Ou pelo menos era isso que todos diziam.

— Você precisa melhorar logo, Rafaella. Sua sócia não vai conseguir segurar aquela empresa sozinha por muito mais tempo. — Ela piscou repetidamente enquanto tentava lembrar exatamente do que ele estava falando — Afinal a estrela é você. Todos querem os seus projetos.

Rafaella ficou em silêncio, se perguntando como alguém poderia querer algum projeto seu, quando ela nem mesmo sabia ao certo quem era de verdade.

Há uma semana, Diana, sua sócia, havia trazido várias plantas de apartamentos e casas, amostras de tecidos e de pisos, tudo isso para tentar fazer com que se lembrasse de algo. Mas o olhar vazio da amiga logo fez com que ela guardasse tudo dentro da bolsa e mudasse de assunto.

Ela gostava de Diana. Havia algo bom entre as duas, como se ambas tivessem sonhado o mesmo sonho um dia. Mas naquele dia, entre tecidos e papéis, tudo que Diana pode fazer foi segurar suas mãos e, quando Antônio se afastou, sussurrar em seu ouvido:

— Rafa, você precisa melhorar. Preciso que você volte para o escritório. — E chegando mais perto, completou: — Existem coisas que você só vai entender quando colocar os pés na sua sala.

Antes que ela pudesse perguntar que loucura era aquela, Antônio voltou da cozinha trazendo café e biscoitos, e Diana logo mudou o rumo da conversa. Assim que ela foi embora, Rafaella dedicou várias horas aos seus pensamentos, ou melhor, ao vazio que existia no lugar deles. Se esforçou ao máximo para lembrar-se de qualquer coisa, por menor que fosse. Mas como sempre, falhou miseravelmente.

E assim ela ia vivendo os dias, longos e insípidos. Às vezes cantarolava uma ou outra canção que tocava no rádio, em outras se lembrava de cenas de filmes e algumas bobagens sem importância. Quando ligava para os pais contando esses fatos isolados, ouvia-os comemorando cada um desses acontecimentos como se fossem uma grande vitória. Mas Rafaella não conseguia se encantar com essas coisas. Ela queria conseguir se lembrar de quem ela era, o que gostava de fazer, qual sua comida preferida. Ela queria lembrar de como era sua vida antes do acidente.

Sempre que ela chegava a esse ponto ela entendia a necessidade de conseguir se lembrar dos detalhes de seu acidente. De como ela havia perdido o controle do carro e se arrebatado contra um muro, estilhaçando sua vida. Por que ela estava em alta velocidade? Estava vindo de onde? E mais importante, estava indo para onde?

Essas eram algumas das perguntas que se acumulavam em sua mente naquela manhã de domingo quando ela finalmente saiu da frente do espelho e se dirigiu a Antônio.

— Você acha que eu posso ir até a praia sozinha? — Virou-se de frente para ele prendendo seu olhar nos olhos verdes do marido.

— Uhm — ele a puxou pela mão até a sala e olhou pela janela —, não vejo nenhum grande problema. Ainda é cedo e eu fico olhando aqui da varanda. Acho que vai ser bom para você.

Rafaella concordou com a cabeça e olhou para suas roupas. Estava com um vestido amarelo claro que tinha flores coloridas estampadas e usava chinelos de dedo. Parecia perfeitamente

compatível com a praia e o sol fraco que começava a aquecer a areia. Suas costas ainda doíam, mas ela não podia deixar que isso a impedisse de viver, então, juntou toda a sua coragem e a transformou em um sorriso cheio de energia.

— Então eu vou. Você fica me olhando aqui de cima, certo?

O apartamento deles era no terceiro andar e pela varanda da sala tinham toda a visão da praia. Rafaella se sentia mais segura sabendo que alguém estaria olhando seus passos. Mesmo que esse alguém fosse Antônio, que dedicava tempo demais a vigiar tudo que ela fazia.

— Vou sim, minha querida. Jamais vou tirar meus olhos de você novamente. — Se aproximou e, envolvendo-a em seus braços, beijou os lábios de Rafaella com força, fazendo com que ela retesasse o corpo involuntariamente. Se percebeu algo, Antônio não comentou.

— Vou indo então. Deseje-me sorte.

— Você não precisa de sorte, meu amor. — Antônio acariciou os cabelos da esposa. — Você tem a mim. E isso é o suficiente.

Rafaella assentiu em silêncio e se apressou em sair do apartamento, pronta para aproveitar seus primeiros momentos de liberdade, ainda que vigiada.



Capítulo Dois



Decidida, Rafaela virou as costas para o apartamento, trancando a porta atrás de si, sozinha pela primeira vez em um longo tempo. Enquanto esperava o elevador, cantarolou baixinho uma melodia sem letra, que martelava incessantemente sua cabeça desde que abrisse os olhos no hospital depois do acidente há seis meses. De uma forma que ela ainda não entendia, essa era a única coisa que conseguia acalmar seus nervos. E assim, foi brincando de cantar enquanto caminhava até a praia.

Logo que acabou de atravessar a rua, sentiu o cansaço tão familiar começando a dar seus sinais e sentou-se no banco de pedra de frente para a praia. Ficou observando as ondas de longe, o som e o cheiro do mar invadindo a sua alma. Uma família chegou fazendo muita algazarra, e ela se pegou admirando uma mulher morena arrumando as cadeiras e abrindo o seu guarda sol colorido enquanto algumas adolescentes abriam suas cangas e riam despreocupadas com a vida.

De repente, uma garotinha surgiu em seu campo de visão. Ela vinha de mãos dadas com um homem e, de imediato, Rafaella esqueceu a família barulhenta, focando-se totalmente naquela dupla solitária. A menina parecia chateada e o homem falava muito, tentando distraí-la, até que ela resolveu parar no meio da praia, olhar para ele e dizer alguma coisa que fez com que o homem se ajoelhasse na sua frente. Os minutos se arrastaram enquanto Rafaella observava os dois, os cabelos escuros dele, acentuando o tom claro de sua pele, em contraste com os cachos dourados da criança, que agora o abraçava com força.

Naquele momento, Rafaella teve um flashback, uma lembrança, ou seja lá como chamam essas sensações de “*deja vu*”. Quando chegasse a hora de explicar o que de fato havia acontecido, ela não saberia dar nome a essa sensação. Apenas sentiu seu corpo se enchendo de vida, tomando uma vontade imensa de pegar aquela menina pela mão e sair correndo e brincando pelas areias brancas da praia.

— Melissa — ela murmurou enquanto se levantava do banco e começava a caminhar em direção a areia. — Melissa! — Gritou a plenos pulmões quando começou a correr tentando alcançar as duas figuras no meio da praia.

Tropeçou nos chinelos e caiu de joelhos na areia, levantando-se em seguida sem se importar com a ardência que tomava conta do seu corpo. Suas costas doíam intensamente, no ponto exato onde as ferragens do carro haviam rompido a pele, mas ela ignorou tudo e continuou a correr e a gritar.

— Melissa! Sou eu, a Rafa!

Pai e filha se viraram na direção de sua voz no exato momento em que ela os alcançou caindo novamente de joelhos, sem forças para voltar a se levantar. A menina olhava para Rafaella com os olhos arregalados, confusa e assustada. E quando, finalmente, Rafaella olhou de verdade para ela desde que foi tomada por aquela urgência, ela soube que a menina não era Melissa.

— Pai, quem é essa? — A frase dita com cautela atingiu Rafaella no peito e ela sentiu seu mundo ruir ao constatar que a voz não era aquela que seu coração queria ouvir.

Naquele momento, seu cérebro, ou pelo menos a parte dele que ainda era lúcida e sã, fez a pergunta crucial: “Afinal, quem era Melissa? E porque a ideia de ter essa garotinha em seus braços fez com que ela corresse como uma louca gritando pela areia da praia?”

O pai da menina olhou consternado para Rafaella, que não conseguia encontrar palavras para se desculpar, pois estava lutando contra a dor física que tomou conta de seu corpo e com a dor emocional que paralisava sua mente.

Foi com esse circo armado, rodeada por várias pessoas observando seu espetáculo, que Rafaella sentiu as mãos de Antônio segurando-a pelos ombros e levantando seu corpo dolorido da areia.

— Desculpem pessoal — a sua voz parecia realmente envergonhada —, minha esposa sofreu um acidente e perdeu a memória. Deve ter confundido sua filha com alguma outra criança. Lamento profundamente pelo inconveniente.

Enquanto ouvia Tony se derramando em desculpas a todos os envolvidos no incidente, Rafaella sentiu as lágrimas se acumulando nos cantos dos olhos e piscou repetidamente até que uma mão tocou suavemente o seu joelho. A menina dos cachos dourados estava fazendo carinho nela, e isso fez com que as lágrimas se transformassem em um choro sofrido, quase um lamento.

— Não chora, moça. Você vai encontrar sua filha.

Rafaella concordou com a cabeça, olhando para o nada, e deixou que Antônio a levasse dali, envergonhada até a raiz dos cabelos, enquanto ele dizia como havia sido bom ter descido logo atrás dela com medo de deixá-la sozinha. No meio do caminho, enquanto emendava uma frase na outra tentando mantê-la distraída, Antônio se abaixou para recolher seus chinelos e ela não se conteve e perguntou:

— Antônio, quem é Melissa?



Capítulo Três



— Não aguento mais. — Diana esmurrou a mesa com força, machucando a lateral da mão e engolindo um palavrão. Do outro lado da sala, recostado na parede, Lucio suspirou.

— Eu sei, Diana. Mas você não pode fazer nada agora, precisa respeitar as ordens do médico.

— Nem vem com essa, Lucio! O cacete que eu vou ficar sentada observando minha amiga murchar, levando uma vida mentirosa ao lado daquele homem. — Diana se jogou no sofá e repetiu com veemência — O cacete!

Lucio caminhou até Diana e sentou-se ao lado da namorada, passando o braço pelos seus ombros. Ele via diariamente o sofrimento e a angústia de Diana, e sabia como ninguém o que era ver uma pessoa que você amava definhar de saudade, de amor e de tristeza sem poder fazer absolutamente nada para ajudar. Lucio via um reflexo de si nos olhos da namorada,

pois tinha o mesmo sentimento de impotência em suas mãos. Ele encarava uma situação parecida todos os dias quando ia visitar Paulo no apartamento ao lado do seu.

Lucio ainda se lembrava da felicidade em que o amigo vivia há apenas alguns meses quando conhecera a nova namorada. Na verdade, ele estava insuportavelmente feliz, o que fazia com que Lucio sempre implicasse com ele. A tal namorada era misteriosa e reservada e, tirando um breve encontro no corredor enquanto ela abria a porta do apartamento de Paulo, Lucio nunca chegou a ser formalmente apresentado a ela.

Mas ele não se importava com isso, desde que o amigo estivesse feliz. E Paulo estava muito mais do que feliz, estava apaixonado e cheio de planos para os dois. Lucio, que tinha sua própria história de amor bem sucedida, achara tudo aquilo muito bom e incentivara Paulo a correr atrás da felicidade, mesmo que ela estivesse na forma daquela mulher misteriosa que ninguém havia conhecido ainda. Tudo ia muito bem, até o momento em que o apartamento ao lado do seu passou de alegre e barulhento a sóbrio e silencioso.

Ele chegou a pensar que Paulo havia viajado com a tal mulher, mas em uma noite de quarta feira ele escutou muitos barulhos no apartamento do amigo. Parecia que uma grande briga estava acontecendo, daquelas onde objetos eram arremessados contra as paredes e móveis derrubados.

Sem perder tempo, ele colocou uma camiseta e calçou os chinelos, e foi tocar a campainha de Paulo. Foi preciso insistir muito até que o amigo finalmente abriu um palmo de porta e colocou a

cara no vão, afirmando que estava bem, que não era nada e pedindo que ele fosse embora.

Mas Lucio colocou o pé entre a porta e o batente, impedindo que Paulo a fechasse e aproveitou-se de um segundo de distração do outro, empurrando a porta para trás. O cenário era assustador. Os móveis revirados, restos de comida espalhados pela sala, cacos de vidro no canto perto da varanda. E quando ele finalmente olhou para Paulo, percebeu que o cara estava devastado.

Não havia lágrimas em seus olhos, apenas um vazio indecifrável. Sua voz estava controlada quando ele contou, sem dar maiores detalhes, que não existia mais namoro e que ela havia ido embora para sempre. Que todos os planos e promessas foram esquecidos e que ele tinha que curtir aquele momento de tristeza até o fim para depois voltar a viver.

Enquanto abraçava Diana, ele pensava em como Paulo estaria agora, seis meses depois da partida da mulher misteriosa. Lucio nunca soube o nome dela, apenas lembrava dos cabelos curtos e do sorriso radiante que deu para ele naquele dia que se encontraram no corredor. Ele poderia jurar que ela estava tão feliz quanto Paulo, e não conseguia entender o porquê dela ter partido desse jeito.

Pensativo, cutucou a namorada de leve.

— Escuta, já estamos juntos há dois meses e eu já ouvi você falar da sua amiga diversas vezes, mas nunca me mostrou uma foto dela.

— Não é culpa minha se você não tem *Facebook*. — Foi a resposta mal-humorada de Diana, que não se conformava com a

exclusão digital do novo namorado. — Mas eu tenho uma foto dela aqui no celular. Tiramos ontem e ela ainda está meio abatida. Mas continua linda.

Ela destravou a tela do aparelho e, no fundo, ele viu uma sombra do mesmo sorriso radiante que meses antes o surpreendera na porta da casa de Paulo.

— Espera, essa daí é a Rafaella? Sua amiga que sofreu o acidente e está sem memória? A que é casada com o cara que você não gosta?

— Não Lucio, essa é a Nicole Kidman — ela brincou. — Claro que é a Rafa. Por quê?

Lucio ficou parado olhando para a foto sem saber muito bem como explicar tudo a Diana. E, assim como ela, começou a sofrer por não poder contar a verdade a seu amigo.



Capítulo Quatro



Antônio ficou pensando por alguns segundos antes de responder. Ele poderia dizer que essa Melissa era fruto da imaginação de Rafaella, que nunca havia ouvido falar dela, e dar o assunto por encerrado. Mas apenas em considerar essa opção, ele já sabia que era arriscado demais, pois existia a chance de que, eventualmente, sua esposa lembrasse de tudo e ele passasse por mentiroso, ardiloso e perverso.

Não que ele se importasse muito com isso. O que ele queria era Rafaella ao seu lado para sempre. Mas sabia que teria que dar uma resposta um pouco mais detalhada sobre Melissa. E, levando isso em consideração, resolveu contar tudo que sabia, o que era muito pouco.

— Rafa, que bom que você se lembrou da Melissa. — Seu sorriso era forçado e ele esperava que ela não notasse. — Ela é filha do dono daquele restaurante em Botafogo que você gostava, lembra?

Fez uma pausa dramática, caprichando na cara de arrependido antes de continuar.

— Desculpe, meu amor, claro que não lembra.

Ele viu a confusão se formando nos olhos de Rafaella, algo que sempre acontecia quando estavam falando sobre algo que ela não lembrava e que ele afirmava ter acontecido. Como o tal sonho de morar em uma casa com jardim em outra cidade. Era quase como se a mente dela, aprisionada, gritasse que eram mentiras, mas ela não conseguisse entender o recado.

— Não me lembro, Antônio — a voz dela saiu fraca. — Desculpe.

Ele pegou a mão dela e apertou contra o seu peito. Amava estar ao lado de Rafaella com todas as suas forças e tudo que vinha fazendo era para que ela ficasse com ele. Tony sentia falta da alegria em sua voz e da energia que contagiava todos à sua volta, mas precisava admitir que essa nova versão da esposa, dócil, frágil e insegura era muito mais fácil de controlar.

— Não tem problema, meu amor. Você vai se lembrar. E, se não lembrar, vamos construir uma nova história juntos.

Rafaella ficou perdida nos olhos de Antônio buscando por alguma coisa que sinalizasse que aquilo tudo estava certo. Esse futuro tão bem planejado por ambos que ele não se cansava de repetir. Essa explicação superficial sobre a tal Melissa e muitas outras coisas que se acumulavam em sua cabeça tornavam tudo ainda mais doloroso para ela. Por mais que ele parecesse tão certo sobre as histórias que contava, algo estava errado e ela sentia isso. Só gostaria de saber o que era.

— Você acha que poderíamos ir até esse restaurante uma hora dessas?

Na hora que contou sobre a origem de Melissa, Antônio já havia se preparado, esperando por essa pergunta, e a resposta fluiu suavemente através de seus lábios bem desenhados.

— Adoraria levar você até lá — Rafaella sorriu para ele antes que ele terminasse a frase —, mas o restaurante fechou.

Ele ficou observando enquanto aquela nuvem de dúvidas aparecia nos olhos da esposa. Era como se ela soubesse que ele estava afastando-a da felicidade, lhe roubando os momentos de prazer e alegria. Mas ela estava errada. Tudo que ele fazia era para que a vida deles seguisse em seu rumo novamente, do jeito que era antes dessa tal Melissa entrar em suas vidas. E ele iria manter esse plano até o fim.

A areia quente da praia queimava os pés deles, mas Rafaella não se movia, os olhos ainda presos na menina e em seu pai. Apertando sua mão de leve, Antônio sugeriu:

— Vamos para casa, Rafa? Acho que o sol está ficando quente demais para você. Aqui — se abaixou colocando os chinelos na frente dos pés dela —, calce seus chinelos e vamos embora.

Rafaella sacudiu a cabeça concordando, mas manteve os olhos na criança enquanto se calçava. Antônio puxou-a com firmeza, fazendo com que ela finalmente desviasse o olhar e o encarasse.

— Tem certeza de que o restaurante fechou, Tony?

Era a primeira vez que ela usava o apelido dele em meses e isso lhe pareceu estranhamente familiar, ao mesmo tempo em que deixou um gosto amargo na boca. Rafaella viu que isso o deixou muito feliz e se perguntou como uma pessoa poderia gostar tanto de apelidos ao invés de usar o nome inteiro.

— Tenho sim, Rafa. Mas não se preocupe, vou procurar um restaurante ainda melhor do que aquele para levar você. Vamos apenas esperar que você fique mais forte, ok?

— Mais forte — ela murmurou. — E quando será isso, hein?

Rafaella levantou os olhos para Antônio e, por alguns segundos, sorriu, admirando o verde profundo do seu olhar. Ela conseguia imaginar uma vida feliz ao lado dele. Só não saberia dizer se era no futuro ou no passado.

— Sim, mais forte. Mas para isso tem que continuar tomando os seus remédios. Vamos para casa que eu vou cuidar de você.

Rafaella olhou por cima do ombro, procurando pai e filha novamente nas areias da praia. Seu olhar percorreu toda a extensão de areia, mas não os encontrou, e um pensamento estranho se formou em sua mente.

"Perdi os dois. De novo."



Capítulo Cinco



— Não estou a fim de sair de casa, Jairo — Paulo resmungou da cozinha enquanto ouvia seu irmão mexendo nos livros da sua estante. — E se afaste da minha estante, por favor.

— Desde quando você lê essas baboseiras de romance? — Foi a resposta seca de Jairo que, de pé no meio da sala do apartamento do irmão, não conseguia acreditar no que seus olhos viam.

O que antes era um dos locais mais bem arrumados e limpos que ele já havia visto, havia se transformado em um amontoado de embalagens de comida, sacos plásticos quase transbordando de lixo, muito mal amarrados e uma cozinha com a pia transbordando de louça. Ele sentiu uma comichão embaixo das unhas e um sentimento de desespero unido à vontade de arregañar as mangas e arrumar aquela bagunça, tomou conta do seu espírito virginiano. Mas, contrariando seus instintos, Jairo apenas respirou fundo e aguardou a resposta do irmão mais novo.

Paulo olhou para seu irmão mais velho e segurou o impulso de colocá-lo para fora da sua casa aos pontapés como uma criança birrenta. Jairo era irritante, implicante e muito mais forte do que ele, e talvez esse tenha sido o principal motivo para que Paulo desistisse de usar a violência. Jamais havia ganhado uma briga sequer contra Jairo.

Ambos eram bonitos, altos e de cabelos pretos. Paulo tinha olhos pretos enquanto Jairo ostentava os olhos cor de mel de Dona Alzira, a mãe deles, já falecida há alguns anos. Desde que havia perdido Rafaella, Paulo se pegava sentindo uma saudade imensa do colo da mãe e hoje, olhando para o irmão, essa saudade aumentou. Além dos olhos da mãe, Jairo também dominava as artes culinárias e era um dos chefs mais requisitados do Rio de Janeiro. Seu restaurante em Botafogo tinha lista de espera, e era preciso muita paciência para conseguir uma mesa para o jantar. E era exatamente isso que Jairo tinha vindo oferecer a Paulo: uma mesa para jantar naquela noite. Mas esse convite não era de graça, pois ele teria que se arrumar e aturar a companhia de Patrícia, de longe uma das pessoas mais chatas do universo, sempre bem-humorada e cheia de histórias esotéricas que Paulo não aguentava. Sem contar com o fato de que Jairo havia decidido que era perfeita para tirar Paulo da fossa.

— Seis meses são o suficiente, cara. Já estou cansado de olhar essa sua cara barbuda e desleixada — Jairo pegou um exemplar de **Uma Curva No Tempo** da estante e sacudiu na direção do irmão — E jogue esses livros fora. Ela não vai voltar.

Cruel. Esse era Jairo. Paulo percebeu que era exatamente isso que ele precisava naquele momento, de alguém que fosse cruel e prático o suficiente para fazê-lo entender que Rafaella não iria mesmo voltar. Nunca mais.

— Se você se afastar da minha estante e colocar todos os livros exatamente no lugar de onde os tirou, eu posso me esforçar para parecer apresentável no seu jantarzinho de comemoração. — Paulo forçou um sorriso irônico. — Seja lá qual a idiotice que você está comemorando.

Jairo largou o livro com um gesto teatral e abriu os braços, seus lábios curvados em um sorriso ainda mais debochado do que o de Paulo.

— Ops, escorregou! — Passou por cima do livro, agora jogado no chão e, segurando o irmão pelo cotovelo, incentivou: — Vai logo. Lava embaixo do braço e faz essa barba. Fica apresentável, vai.

Resignado, Paulo foi andando na direção do banheiro enquanto fazia uma última tentativa de argumentar.

— Que ela não vai voltar por mim, eu já entendi. Mas ela pode querer os livros de volta, e por isso eles têm que ficar onde estão. Não são meus para jogar fora. — Era uma desculpa esfarrapada, mas ele se agarrava a ela com unhas e dentes.

— Deixa de ser idiota, mano. Ela nunca deu um telefonema sequer para você desde que saiu por aquela porta dizendo que voltava logo. — A paciência de Jairo já estava por um fio. — Se ela não foi capaz de voltar por sua causa, você acha mesmo que vai voltar por causa de meia dúzia de romances baratos?

— Trinta e sete. — A voz de Paulo saiu cortada.

— O quê? — Jairo não conseguia acreditar em seus ouvidos. Seu irmão só poderia estar insano.

— Você disse meia dúzia, mas são trinta e sete. Eu contei.

Jairo segurou o irmão pelos ombros e olhou diretamente em seus olhos. Ia doer, mas ele ia ter que falar tudo que pensava sobre essa situação.

— Ah, Paulo! Isso precisa parar. Se você não se livrar dos rastros dela, eu mesmo vou fazer isso. E você vai se surpreender um dia desses quando chegar em casa. — Dessa vez o sorriso dele era perigoso, como se ele realmente fosse capaz de cumprir aquela promessa. Mas Paulo não se deixou intimidar

— Não se atreva, Jairo. — Ele se soltou das mãos do irmão — Os livros e as peças de roupa são tudo que eu tenho da Rafaella. Não se atreva a mexer nas coisas dela.

— Você está louco, isso sim. Vou pegar tudo, queimar, doar ou sei lá o quê. A vontade que eu tenho é de descobrir onde ela mora e fazer uma fogueira com todas as tralhas dela na frente da casa e ficar assistindo de camarote até os bombeiros chegarem.